CATEDRAL DE SANTA LUZIA EM MOSSORÓ: MONUMENTO DE FÉ E DE SIMBOLOGIA SOCIAL DAS MEMÓRIAS COLETIVAS

Júlio César Lima Fernandes [1]

RESUMO: Localizada na Praça Vigário Antônio Joaquim, a catedral de Santa Luzia é o marco zero da cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. Sua construção remota o período das missões carmelitas no litoral da capitania do Rio Grande. Passou por várias reformas, desde de sua fundação no século XVIII, pelo sargento-mor Antônio de Sousa Machado, após atender um pedido de sua esposa que era devota da santa padroeira dos olhos. Sendo a construção mais antiga da cidade, este templo religioso teve em seu adro além de grandiosas manifestações religiosas, vários momentos que estão gravados em livros, atas, mídias e memorias de populares e cordelistas. Este artigo apresenta alguns desses e traz uma reflexão que aborda a importância dos monumentos históricos para a formação e manutenção da identidade de uma coletividade em determinadas localidades.

PALAVRAS CHAVE: Memoria, festa, devoção e cangaço.

Não há em Mossoró um só vivente, mesmo que não professe como sua religião o catolicismo, que não tenha ouvido pelas ruas da cidade ou no dia 13 dezembro as seguintes frases cantaroladas: *Ó Santa Luzia pedi a Jesus, que sempre nos dê, dos olhos a luz.*[2] Durante os treze primeiros dias do mês de dezembro, o centro da cidade se torna uma *Meca* para região oeste do Rio Grande do Norte. Muitos visitantes e devotos na cidade, rezas, missas, parque de diversões, barracas de vendas de sovines e comidas, shows folclóricos e profanos. Não é diferente de muitas festas de padroeiros que existem nos interiores do nordeste do brasil. Chama muito a atenção os trajes usados por devotos quando estão a pagar promessas a *Santa*. Tais praticas, religiosas ou profanas na cidade de Mossoró estão presentes há mais de cem anos e começaram com maior intensidade após meados do século

[1] Mestrando em História pela Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP – Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Paraíba, FAFIC. Graduado em Pedagogia pela FACIBRA. Diretor Pedagógico da Escola Municipal Lúcia Giovanna Duarte de Melo, João Pessoa – PB. (julhinholimax@gmail.com)

[2] Refrão do Hino Oficial da Padroeira da Cidade.

XIX, quando a igreja de Santa Luzia passou a ser paróquia, recebendo seu primeiro Pároco, mais conhecido como o vigário Antônio Joaquim.

Segundo o historiador Geraldo Maia do Nascimento, a cidade de Mossoró surge a partir de um pequeno arraial que se situava à margem direita do rio Apodi/Mossoró. Era uma pequena fazenda que servia para criação de caprinos e bovinos. O lugarejo, serviu como ponto de apoio e descanso para os criadores e vaqueiros. É em 1772 que após a construção da capela de Santa Luzia que o pequeno lugar começa a ganhar os primeiros contornos do que se tornaria o segundo maior município em número de habitantes e o primeiro geograficamente do Rio Grande de Norte nos dias de hoje. Nesse sentido,

> A tradicional festa de Santa Luzia do Mossoró acontece desde o amanhecer do pequeno arraial. E em mais de duzentos anos de existência, por apenas três vezes ela não aconteceu. É dito e aceito que a cidade de Mossoró começou ao redor de uma pequena capela que foi erguida na fazenda Santa Luzia, de propriedade do Sargento-Mor Antônio de Souza Machado. A construção da referida capela deveu-se ao cumprimento de promessa feita pela esposa do Sargento-Mor, dona Rosa Fernandes. Para tanto, os proprietários da Santa Luzia requereram ao visitador diocesano de Olinda, Padre Inácio de Araújo Gondim, de passagem por Aracati/CE, autorização para erguer a referida capela, tendo sua petição atendida em 05 de agosto de 1772. (NASCIMENTO, 2015)

O pequeno mapa do arraial, em 1772 nos aponta para uma atestação de como as cidades e civilizações surgiram ao longo da história. Isso podemos confirmar no *crescente fértil*[3] e em toda mesopotâmia. Assim vemos que no século XVIII, as margens do rio Mossoró, o modo de sobrevivência se dá a partir da relação vital com o curso d'água.

[3] Corresponde a uma região do Oriente Médio, com aproximadamente 500 mil km^2 de extensão. Está localizada entre a Jordânia, Líbano, Síria, Egito, Israel, Palestina, Irã, Iraque e parte da Turquia. Abriga grandes rios tal qual o Nilo, Tigre, Eufrates e Jordão. Todos eles tornaram a agricultura o principal meio de subsistência das primeiras grandes civilizações da antiguidade oriental. (Revista Nova Escola. Novembro, 2018)



Imagem – Desenho do mapa de Mossoró em 1772

A vila de Santa Luzia passa a receber esse nome em homenagem a Santa padroeira dos olhos e posteriormente vai sendo chamada popularmente apenas pelo mesmo nome que foi dado ao rio. Essa região que beiravam o curso d'água também era chamada de *ribeira do Mossoró*[4]. A região passa a se desenvolver economicamente pela fartura de sal marinho, plantações de algodão e pelo beneficiamento da cera de carnaúba, árvore que se encontrava com fartura por toda extensão da ribeira. Além disso, a rota que liga o litoral da *Costa Branca*[5] ao alto-oeste, indo até a divisa com a província da Paraíba, tem em Mossoró seu principal centro econômico e financeiro. Os negócios vultosos não precisam mais ser feitos em Fortaleza, Natal ou Recife. A antiga vila de Santa Luzia, já conseguia suprir essas necessidades exigidas pelo mercado. Após 80 anos da construção da pequena capela de taipa, Mossoró, agora município, desmembrado da cidade de Assú, passa a ser o conglomerado urbano mais importante do oeste da província do Rio Grande do Norte. Alguns documentos, como inventários que eram registrados no cartório da cidade, trazem

[4] Área geográfica que se inicia próximo a atual cidade Grossos e vai até a cidade de Apodi, sempre próxima as margens do Rio Mossoró.
[5] Região Costeira, banhada pelo oceano atlântico que passou a produzir sal marinho em abundancia para todo o Brasil e para várias partes do mundo.

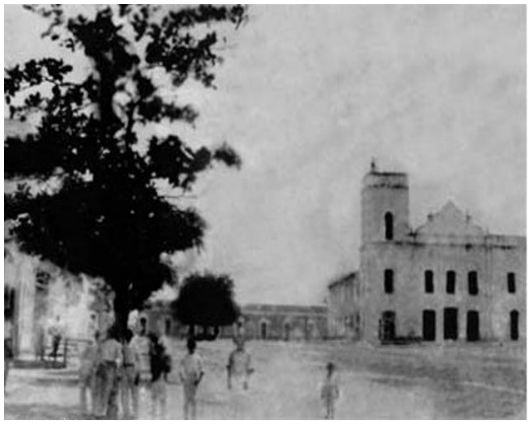
para o nosso entendimento o potencial da cidade em 1853. Exemplo é o testamento de *Bernardo José da Silveira*[6], registrado no dia 20 de dezembro daquele ano.

A cidade cresce em torno da Capela de Santa Luzia que passa ser Paróquia em 1842 e com a continuidade do crescimento da cidade se tornou diocese em 1934. Assim,

> A capela de Santa Luzia é datada de 5 de agosto de 1772. Conta a história que o sargento-mor da ribeira de Mossoró, Antônio de Souza Machado, e sua esposa Rosa Fernandes foram autorizados a construir uma capela na fazenda Santa Luzia, de sua propriedade. Décadas depois, em 1801, Rosa Fernandes, já viúva, doou o patrimônio da capela de Santa Luzia. Em 1830, foi feita uma reforma na capela, que recebeu uma imagem de Santa Luzia de Mossoró, em madeira, esculpida em Portugal. A capela era ligada à freguesia do Apodi até 1842, ano em que foi elevada à categoria de igreja matriz. Com o crescimento de Mossoró, a capela ficou pequena para atender às necessidades da população. Foi quando, em 24 de março de 1858, iniciou-se a sua reconstrução no mesmo local. A obra demorou dez anos e a igreja foi reinaugurada ainda sem a conclusão das torres, que só ficariam prontas em 1910. A história conta que Pedro Paulino Duarte da Silva promoveu na época uma campanha em prol da conclusão das torres da igreja. Em 28 de julho de 1934, com a criação da Diocese de Mossoró, a igreja de Santa Luzia foi elevada à categoria de catedral diocesana. (Jornal de Fato, 12 de Dezembro de 2019)

Então, pode-se inferir que o crescimento do comércio aumentou a circulação de pessoas a procura de trabalho. Mossoró para ser uma esperança para região e consequentemente as autoridades religiosas que detinham maior parte do poder intelectual na época, se sentem impulsionadas a aumentar o poder de atuação religiosa da Igreja e dá fé católica, já que estamos em um período em o catolicismo é tido como legalmente com a profissão de fé oficial do Império Brasileiro. A necessidade de aumentar a Igreja tornando-a um monumento imponente é uma das características de demonstração de status do poderio religioso. Nas fotografias abaixo podemos ver.

[6] Rico Comerciante e criador de gado da Ribeira do Mossoró, que registrou seu testamento no cartório municipal em 1853.





Imagens – Matriz de Santa Luzia sem as torres (1890) e após a construção das torres (1930)

A importância deste monumento não se dá apenas pelo ponto de vista religioso, mas o mesmo está imbricado a cultura da cidade sob vários aspectos. Geograficamente, a Igreja de santa Luzia é o marco zero da cidade. Foi nesse local que a cidade teve origem. Durante os séculos XVII, XVII e até a segunda metade do Século XIX, os mortos eram enterrados no interior do templo e foi apenas em 1863 que através de um missionário e frei católico que o templo deixa de ser local de sepultamento dos cidadãos mortos da vila. Portanto,

> Em Mossoró, a tentativa inicial de construção de um cemitério aconteceu em 1863 com a marcação feita pelo capuchinho Frei Agostinho, no entanto devido a problemas de localização, o Padre Antônio Joaquim Rodrigues2 construiu em "1869 um cemitério de madeira, mais acima daquele lugar, em terreno elevado, plano e muito enxuto"(SOUZA, 1995:19).

Segundo Francisco Fausto de Souza, Em 1873 o Padre Antônio Rodrigues fez uma petição à Câmara Municipal de Mossoró, cujo propósito era a construção de um cemitério mais estruturado. Ei-la na integra:

> Ilmos. Srs. Presidente e mais Vereadores da Câmara Municipal desta cidade de Mossoró – O Padre Antônio Joaquim Rodrigues, Parocho colado desta Freguesia de Mossoró, desejando aproveitar os serviços do Ilmo. E Revmo. Sr. Frei Fidélis, Missionário Apostólico Capuxinho,

> relevantes como costumam ser, para edificar um cemitério de pedra e cal, obra de que tanto se recente esta Freguesia, para servir de jazigo aos restos mortais das pessoas católicas, e de qualquer crenças religiosas, mediante o concurso de seus parochianos, que estão dispostos a prestar seus serviços para a mencionada obra, com o intento de ser propriedade de Irmandade de Nossa Senhora Padroeira, a Senhora Santa Luzia, enquanto não houver uma outra irmandade especial do Santo a quem for dedicado o mesmo Cemitério, a quem afinal virá a pertencer o cemitério, vem portanto pedir a VV. Ssa., se dignem conceder licença, para que no sentido indicado se possa levar a efeito dita obra: pelo que pede a V.SS. Ilmos. Srs. Vereadores da Câmara Municipal de Mossoró se sirvam a conceder a licença pedida. E.R. Mce. Cidade de Mossoró, 17 de agosto de 1872 – Antônio Joaquim Rodrigues, Parocho Colado de Mossoró. (SOUZA, 2010).

O PADRE CANGACEIRO

O título deste tópico pode parecer inusitado, mas na verdade muito do que se abordará nele está intimamente ligado a cultura social da época. As *Categorias discursivas* segundo Cabrera (2018), formam a base que sustenta os imperativos cognitivos e reacionários do ser humano, nesse contexto não é de se admirar que em uma sociedade onde o coronelismo e o escravagismo eram práticas comuns, o surgimento de um religioso com características próprias de senhores de engenho, sem sombra de dúvidas era algo comum e até corriqueiros nas paragens cantigueiras. O inusitado é que após a criação da capela de Santa Luzia, a vila de Mossoró ainda não tinha produzido seu primeiro padre. A vocação sacerdotal estava restrita aos filhos de coronéis e esses tinham que estudar em Olinda no Pernambuco, onde ficava o seminário mais próximo. A pequena capela de Santa Luzia que via o crescimento populacional crescer rapidamente, estava sob jurisdição eclesiástica da vinha paróquia de Apodi e enviou para os estudos o menino Francisco Longino Guilherme de Melo (1802 – 1878).

A família Guilherme era conhecida no sítio Camurupim, que fica há18 km de Mossoró, por ser ordeira, caridosa e envolta a bondade e religiosidade. O Patriarca Simão Guilherme de Melo Construiu em 1808 um solar de pedra gerou muitos filhos e netos. Longino estava com 5 anos de idade. Justamente aquele que fora enviado para o estudo da doutrina, viria ser o membro da família que mudaria essa história.

Padre Longino chega em Mossoró em 1927 após sua ordenação em Olinda e celebra Missa na capela de Santa Luzia em primeiro de janeiro desse mesmo ano. Sua fama de segundo a tradição oral da própria família, era de o mesmo escalava os muros do seminário para se divertir nas noitadas de namoro em Olinda e Recife. Aderaldo nos diz que, "Ainda no velho seminário pernambucano, guarda a tradição oral da família, que ele fugia, à noite, escalando muros, para namorar". (1952, PÁG 242).

O historiador Fausto de Sousa traz em seus "Apontamentos sobre o Padre Longino Guilherme de Melo, publicado em 1949. Algumas das peripécias cometidas pelo sacerdote. Entre elas estão: a celebração da "missa pra o Diabo", onde o padre depois de ficar imbreagado grita dentro da capela de santa Luzia em alto e bom som "Hoje celebro essa missa pra o diabo", fazendo com que a população corra horrorizada para fora do templo, muitos até deixando a vila de Mossoró com medo do padre.

Porém, o maior de seus erros foram as facadas deferidas por ele em um membro da família dos Butrago. O assassinato de Antônio Basílio de Sousa, origina um inquérito contra o padre Longino e uma briga entre as famílias Guilherme e Butrago que em alguns momentos chegou a produzir verdadeiras cenas de guerra nos arredores da Capela de Santa Luzia. Após a suspensão de ordens do padre Longino em 1833, este monta um grupo de capangas e muito bem armado para sua defesa e proteção anda pelos arredores de Mossoró em casas de parentes. Depois de alguns anos de conflito e as famílias cada vez mais com sede de vingança, os Guilhermes fogem para o maranhão e Longino só retorna à Mossoró perto do fim de sua vida em 1878, onde morre e é sepultado no cemitério São Sebastião. A história conta que próximo ao fim de sua vida, já doente e sem forças, padre Longino encontra João Ferreira Butrago que em seus 90 anos de vida e moribundo vem a receber o padre que queira a reconciliação e antes de morrer a frase do velho é a seguinte: "Há se eu tivesse aqui minha arma de foto pra descarregar em sua fuça." (Mossoró do Século XIX ,1953.Pág 14)

A FESTA DE SANTA LUZIA

Mesmo com as histórias vergonhosas que envolviam o inusitado Padre Longino, a fé do povo e a devoção a padroeira da cidade não deixaram de ser fomentadas na cidade de Mossoró. É com chegada do primeiro pároco o vigário Antônio Joaquim e posteriormente viria a ser o primeiro prefeito após o Mossoró se tornar município se desmembrando de Assú, que a festa da padroeira se torna a principal manifestação de fé e religiosidade cristã do Rio Grande do Norte. Assim, o templo precisa ser modificado para atender as grandes celebrações e programações diárias e principalmente durante o mês de dezembro, período da festa de Santa Luzia. Portanto, importante dizer que,

> Em 30 de dezembro de 1830 é inaugurada a primeira reforma da Capela, reforma essa para a qual se mandou buscar no Assú o mestre pedreiro Manuel Fernandes que veio com um escravo e um mestre de obras. A imagem de Santa Luzia de Mossoró, pequena e de madeira, foi mandada buscar em Portugal. Em 27 de outubro de 1842, pela resolução número 87, a Capela de Santa Luzia era elevada à categoria de Matriz, desdobrada assim da freguesia do Apodi a que esteve ligada durante setenta anos. Mas a primitiva Capela já não era suficiente para atender as necessidades da população e é assim que em 24 de março de 1858 foi iniciada a reconstrução da Igreja, no mesmo local da anterior, tendo o vigário Antônio Joaquim Rodrigues aproveitado algumas paredes de pedra e cal da primeira construção. Foi uma longa reforma que durou dez anos, sendo utilizados auxílios dos paroquianos e verbas da província. Mesmo assim, as torres não foram concluídas nessa reforma. (NASCIMENTO, 2015)

Esforços de clérigos e da população em geral surgem com a intenção de aumentar o templo, dando uma maior atenção do ponto de vista arquitetônico no intento da valorização da estética do Igreja. Assim,

Em 1910 era vigário da Catedral o Padre Pedro Paulino Duarte da Silva. Esse Padre promoveu na época, uma meritória campanha em prol da conclusão das torres da Igreja. Para isso concitou os fiéis às romarias durante as tardes de Domingo, quando seriam transportados tijolos, pedras, areia e cal para o adro da Matriz, de forma a não pararem os serviços por deficiência de material. O povo atendeu ao chamado do Vigário e as torres foram concluídas. Em 28 de julho de 1934 foi criada a Diocese de Mossoró, com solene

missa celebrada na Matriz de Santa Luzia pelo padre Luís da Mota, vigário da paróquia, quando o mesmo dá conhecimento aos fiéis, através da Bula PRO ECCLESIARUM OMMIUN, do Santo Padre Pio XI, criando a Diocese e elevando a Matriz de Mossoró à categoria de Catedral Diocesana. (NASCIMENTO, 2015).

Registros impressos e fotográficos já apontam que no início do século XX, as festas e procissões de Santa Luzia já atraiam fiéis de todas as regiões do Rio Grande do Norte, atingindo também pessoas dos estado da Paraíba e Ceará.



Imagens – Procissões de Santa Luzia em 13 de Dezembro – 1920 e 1927





Imagens – catedral de Santa Luiza em dia de Missa e o exterior de fronte a praça vigário Antonio joaquim

LUGAR DE MEMÓRIA

A primitiva capela de Santa Luzia (1772) se tornou a Catedral e sede da Diocese de Mossoró em 1934. Sua importância enquanto monumento que aponta para memória histórica dos mossoroenses também é reconhecida pelas instituições do estado do Rio Grande do Norte. Isso pode-se ser vislumbrado nas decisões das câmaras municipais e na assembleia estadual ao afirmar que,

> A programação é vasta e conta com novenas, missas, uma peça de teatro contando a história de Santa Luzia, shows artísticos, pedalada, dentre outras atividades que param a cidade e todos os grupos de classes sociais diferentes. No ano de 2016, mais precisamente em 07 de outubro foi declarada a lei nº 10.114, que afirma que a Festa de Santa Luzia, em Mossoró torna-se patrimônio cultural, imaterial e histórico do Rio Grande do Norte. (Rayanne Michelle da Costa Pinto[1]; Lara Raquel Adelino de

> Vasconcelos[2]; Raissa Cristina Nogueira dos Santos[3]. – ANAIS CONEDU 2017)

Dentro da história da reflexão advindas da tradição filosófica ocidental, muitas vezes, para se chegar a clareza de um conceito, se recorre a negação de afirmativas que descabidamente, dentro de um aspecto do senso comum pode embaçar a inteligibilidade real da essência de um conceito. Nesse sentido, José D'assunção Barros nos ajuda a entender que,

> …. a Memória não é nem mesmo esse espaço ou território, mas uma atividade que simultaneamente o institui e que continua a se exercer sobre ele, reterritorializando-o diuturnamente, por assim dizer. Estaremos aqui bem longe daquela metáfora platônica para a memória individual, segundo a qual essa não é mais que "um bloco de cera que existe na alma" e sobre o qual podem ser fixadas as impressões com um estilete. Mais especificamente com relação à Memória Social (mas também com relação à memória de maneira geral), pode-se dizer que essa se estabelece em um espaço-tempo que se relaciona ao mundo humano e no qual se afirmam poderes da Comunidade e dos indivíduos sobre si mesmos e sobre os outros. Daí a metáfora do território e da atividade que se exerce sobre esse território. (2009)

Pode-se dizer que a ***memória não é o mesmo que lembrança***, uma vez que esta remete a uma experiência individual de um acontecimento. Aquela, por sua vez, não é necessariamente uma experiência individual, pois pode reproduzir uma visão do passado compartilhada (coletiva) e que nem todos os membros que partilham dela vivenciaram. Dessa forma, a ***memória é uma construção que pode ser transmitida para gerações vindouras.***

É interessante bem dizer que a catedral de Santa Luzia é um dos principais catalizadores das memórias que sustentam a o passado e as histórias de construção da identidade coletiva do povo mossoroense, a ponde de muitos da mídia e nas praças populares de fora da cidade e de partes da região nordeste chamarem Mossoró pelo nome de terra de santa Luzia.

O dia 13 de dezembro podemos assim dizer que é o Natal dos Mossoroenses, claro que hoje a cidade que conta coma mais de 300 mil habitantes já começa a sentir os efeitos da violência e consequentemente as noites após as novenas não são mais as mesmas de anos há traz. No entanto, o encanto causado pelo espetáculo religioso das missas e procissões e pelos pagadores de promessas vestidos com a indumentária de santa Luzia ainda atrai muita gente à Mossoró durante os 13 primeiros dias de Dezembro.

1 - 

2 - 

3 - 

Imagens 1, 2 e 3– Fieis pagando promessa vestidos com as cores que representam Santa Luzia e Procissão e encerramento da festa em 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos sobre as memorias coletivas sempre trazem uma reflexão importante, esta desperta no pesquisador a busca por direcionamentos que aproximam a coletividade de sua história e de suas raízes. Não há como falar sobre as raízes de Mossoró sem entrar na catedral de Santa Luzia, pois ali se encontra o *arké* [7]da cidade. São muitos pontos a serem explorados que abarcam a política, religião, luta por poder e manutenção deste. Nas paredes do templo estão também as marcas deste povo, principalmente os mais pobres que durante tantos anos simplesmente disseram apenas amém porque só o que tinham de consciência era o ópio da fé e sua esperança não existia além de um *Viva Santa Luzia*.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes; prefácio de Margareth Rago. – 2. Ed. – Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Fenelon – **Jararaca: O Cangaceiro que virou Santo** – Cadernos Guararapes – Volume 1 – Recife – 1981.

ALVES, José Ribamar de Carvalho. **Jararaca e o Cangaço – Coleção " Uma acorda cordel"** – 206 Vol. Mossoró-RN, 28 de março de 2015.

BARROS, José D'Assunção – História e memória – Uma relação na confluência entre tempo e espaço. 2009.

BARBOSA, Marialva História Cultural Da Imprensa – Brasil 1800-1900. 2013.

CASCUDO, Luiz da Câmara – **Flor de Romances Trágicos** – Editora Cátedra / Fundação José Augusto – 1982 – Natal/RN

[7] Para os filósofos pré-socráticos, a ***arché*** ou ***arqué*** (em grego antigo: ἀρχή), seria o elemento que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas do mundo. No caso de Tales de Mileto, por exemplo, a água era um elemento puro, e através dela podia-se criar várias coisas; o início, o desenvolvimento e o fim de tudo. Princípio único.

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural; tradução de Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

ESCÓSSIA, Lauro da. **Memórias de um jornalista de província.** 2º Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor – Mossoró/RN.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral – memória, tempo, identidades. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autentica 2010.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos** – Ed. Civilização Brasileira. Edicão 3º - 1972.

FERNANDES, Raul - **A Marcha de Lampião** – Fundação Vingt-Rosado – Coleção Mossoroense – série C – Volume 1242 – Agosto de 2001 – Mossoró RN

GASTÃO, Paulo – **Rodolpho Fernandes** - Fundação Vingt-Rosado – Coleção Mossoroense – série B – Volume 1637 – Agosto de 1999 – Mossoró RN.

CASCUDO, Luiz da Câmara – **Flor de Romances Trágicos** – Editora Cátedra / Fundação José Augusto – 1982 – Natal/RN

ESCÓSSIA, Lauro da. **Memórias de um jornalista de província.** 2º Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor – Mossoró/RN.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos** – Ed. Civilização Brasileira. Edicão 3º - 1972.

FERNANDES, Raul - **A Marcha de Lampião** – Fundação Vingt-Rosado – Coleção Mossoroense – série C – Volume 1242 – Agosto de 2001 – Mossoró RN

GASTÃO, Paulo – **Rodolpho Fernandes** - Fundação Vingt-Rosado – Coleção Mossoroense – série B – Volume 1637 – Agosto de 1999 – Mossoró RN.
https://www.resumoescolar.com.br/historia-do-brasil/**historia-economica-da-regiao-nordeste-do-seculo-xx**-aos-dias-atuais/

HONORATO, Aldivan. 13 de Junho de 1927. Mossoró. 1977. (Coleção Mossoroense. Série B – Folhetos. nº 122)

MOSSORÓ do Século XIX – Biblioteca Pública Municipal de Mossoró -, coleção mossoroense, Série B, Folhetos, nº12 -Mossoró – Dezembro de 1953.

NASCIMENTO, Geraldo Maia – Jararaca – Prisão e morte de um cangaceiro – Natal: Sebo Vermelho, 2016.

PAIZANTE, Ariane Edlaine Almeida, Gabriel Santos, Joyce Ramalho & Luylla - **Revolta dos Cangaceiros.** Pesquisa feita em 16 de Maio de 2020 - http://historiadoscangacos901.blogspot.com/p/as-relacoes-entre-os-cangaceiros-e-os.html.

THOMÉ, Ezequias Souza – Brasil Escola – (2020)